



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

## Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>E. P. Thompson: trajetória militante e pesquisa histórica</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Marcelo Badaró Mattos</b>	Universidade Federal Fluminense	UFF	Docente
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
A obra de E. P. Thompson reafirma a importância de um diálogo permanente entre teoria e empiria e, nesse movimento, efetiva uma mediação entre as tendências teóricas das Ciências Sociais e outros temas polêmicos do cenário político contemporâneo. Considerando as relações entre esses problemas e suas potenciais contradições, a proposta da Mesa é defender que esse debate é atual e pertinente.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Experiência, agir humano, classe			
ABSTRACT			
E. P. Thompson's work reassures the importance of a genuine, constant and critical dialogue between theory and empirical research. Along this drive, such process conveys a mediation among different theoretical tendencies in Social Sciences and other polemical subjects of the contemporary political scenario. Considering these issues, and their relations and potential contradictions, the papers presented at this table propose that E. P. Thompson's work, the debates it provokes and the arguments around it as well are actual and relevant.			
KEYWORDS			
Experience, agency, class			

Segundo o historiador espanhol Josep Fontana, toda produção na área de história envolve, mesmo que implicitamente, além de uma análise sobre o passado, um posicionamento em relação ao presente e um projeto de futuro. Esta comunicação toma a sério tal proposição para analisar a obra do historiador inglês E. P. Thompson, buscando articular suas contribuições tanto no plano da militância política na esquerda inglesa, quanto no que diz respeito à produção historiográfica, ao longo da segunda metade do século XX. A hipótese aqui defendida é a de que muitas das principais contribuições conceituais do consagrado historiador para o debate sobre classes sociais e luta de classes, especialmente aquelas que vieram à tona com a publicação de sua obra mais conhecida (*A formação da classe operária inglesa*), como a valorização da noção de experiência, ou a ênfase na “agência” dos sujeitos históricos, foram formuladas em meio ao debate político militante, ou em inextricável diálogo com ele.

Em se tratando de um intelectual como E. P. Thompson, uma análise, mesmo que muito sintética, de sua trajetória necessariamente terá que levar em conta a combinação entre produção historiográfica e engajamento militante nas questões de seu tempo. Thompson não concebia intelectuais de esquerda desvinculados de movimentos sociais concretos da classe trabalhadora, ou de movimentos populares de forma ampla. Podemos perceber essa concepção quando nos anos

1960 travou um debate com a segunda geração da Nova Esquerda britânica. Sua crítica se dirigia ao que considerava um marxismo muito “sofisticado”, mas preso a um “caráter teológico”, importado do continente por intelectuais ingleses, que se combinava ao desenho negativo do contexto em que se davam essas “transições intelectuais desafortunadas”:

“Isto foi seguido por um período especialmente castigado, em finais dos anos sessenta, em que existia um movimento intelectual de esquerda divorciado dos mais amplos movimentos populares, e que de algum modo convertia esse isolamento em virtude e não tomava medidas para travar contato com o movimento operário e outros movimentos populares de grandes dimensões.”<sup>1</sup>

Uma preocupação que àquela altura já possuía alguns anos, pois quando rompeu com o Partido Comunista Britânico em 1956 e se engajou na construção de uma “Nova Esquerda”, Thompson editou, junto com o também historiador John Saville, a revista *The New Reasoner*. No editorial de abertura da publicação, os dois assinalavam que uma das piores heranças do stalinismo era justamente o apartamento que a ortodoxia teórica e a submissão política dele decorrentes haviam provocado entre os intelectuais socialistas e aqueles que se dedicavam às tarefas práticas do movimento dos trabalhadores. Nas palavras deles:

“As energias do movimento dos trabalhadores foram sendo enfraquecidas pela obstrução dos elos entre os intelectuais socialistas e aqueles que suportam o peso do trabalho prático no movimento.

O *new reasoner* espera contribuir para restabelecer esses elos e regenerar essas energias.”<sup>2</sup>

Porém, tal postura engajada não se confundia com uma perspectiva que subordinasse a produção do conhecimento científico aos imperativos da intervenção política imediata. Pelo contrário, repudiando a ideia de que “toda história é ideológica, de direita ou de esquerda”, Thompson afirmava o imperativo do método para o exercício apropriado da disciplina:

“O que se intenta fazer é aproximar-se de problemas objetivos muito complexos do processo histórico (isto é o que fazia Marx). Isto supõe uma disciplina precisa que congrega o distanciamento e a objetivação – ser consciente das próprias inclinações, consciente das perguntas que está produzindo – e em grande parte do trabalho como

---

<sup>1</sup> Thompson, “Una entrevista”, p. 300.

<sup>2</sup> E. P. Thompson & John Saville, “Editorial”, *The new reasoner: a quarterly journal of socialist humanism*, no. 1, summer 1957, p. 2.

historiador intenta-se ou bem fazer patente a intrusão das próprias atitudes e valores, se é que estão influenciando, ou manter a distância e evitar que essa intrusão ocorra. De outro modo o que se faz é supor que o processo histórico não apresenta problemas para os quais as próprias convicções não tenham resposta. E isto não é certo.”<sup>3</sup>

Não deveria parecer estranha tal postura de entrelaçamento, sem subordinação, entre pesquisa científica e engajamento nas questões de sua época. E isso não apenas porque Thompson era um intelectual marxista e militante comunista, formado nas lutas antifascistas que desembocaram na II Guerra Mundial. Afinal, é disso que se deveria tratar sempre quando falamos de intelectual, uma palavra que contém essa dimensão dúplice, desde os primeiros momentos em que foi empregada. As origens da expressão intelectual, tal como a concebemos hoje, estão associadas a fenômenos do século XIX. Na segunda metade daquele século, na Rússia, algo semelhante ao que definimos como intelectual era nomeado através da expressão *intelligensia*. Foi, entretanto, a partir da França, em 1898, com a intervenção em que se destacou Emile Zola, a respeito do caso Dreyfus, encabeçando o “Manifeste des Intellectuels”, que surgiu o uso contemporâneo do termo, já naquele momento carregado do duplo sentido: de um lado, a atividade intelectual era associada ao cultivo da instrução; de outro à intervenção e ao engajamento no debate público.

Tal parece ser a compreensão de Benoît Denis, para quem os intelectuais podem ser definidos como:

“um conjunto relativamente heterogêneo de atores sociais (cientistas, universitários, escritores...) que têm em comum, além de serem profissionais que trabalham no campo das ideias e dos saberes, de terem chegado, nos seus setores respectivos de atividades, a um grau suficiente de autonomia e prestígio para reivindicar um direito de intervir nos negócios públicos.”<sup>4</sup>

E a forma de intervenção nos “negócios públicos” que Thompson adotava estava bem próxima da perspectiva de Edward Said, que insistiu não apenas no papel público do intelectual, mas também na sua dimensão de “representação” de uma determinada mensagem, o que deveria levá-lo a assumir posições “embaraçosas”, lembrando muitas vezes o que se quer esquecer:

“Quero também insistir no fato de o intelectual ser um indivíduo com um papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de

---

<sup>3</sup> Thompson, “Una entrevista”, p. 297.

<sup>4</sup> Benoît Denis, *Literatura e engajamento*, São Paulo, Edusc, 2002, p. 210.

seus interesses. A questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. E esse papel encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete.”<sup>5</sup>

Entretanto, atualmente é mais comum encontrarmos a concepção do intelectual como simples especialista em determinado campo do conhecimento ou atividade artística. É comum encontrarmos mesmo o repúdio à ideia do engajamento. A definição do papel do intelectual que associa funções de elaboração artística ou científica à intervenção pública não é, nem nunca foi, consensual. Em especial os intelectuais que assumem a perspectiva de que sua intervenção pública possui um “partido”, no sentido de que representa um projeto político – e mais ainda quando esse projeto é o da transformação social – defrontam-se há muito com as críticas que apontam a “contaminação” da investigação científica ou do produto artístico pela ideologia do seu produtor. É operação típica do pensamento conservador, tentar separar esta dupla dimensão do papel do intelectual, criando a ilusão de que os intelectuais poderiam existir como uma categoria social autônoma, como técnicos especialistas, como cientistas neutros ou como artistas que produzem a arte pela arte.

Thompson: trajetória e obra

Tentar situar, mesmo que brevemente, a trajetória de E. P. Thompson demanda localizá-lo nas questões de seu tempo. Afinal, como Sartre definiu de forma bastante eloquente:

“Produto de sociedades despedaçadas, o intelectual é sua testemunha porque interiorizou seu despedaçamento. É, portanto, um produto histórico. Nesse sentido, nenhuma sociedade pode se queixar de seus intelectuais sem acusar a si mesma, pois ela só tem os que faz.”<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Edward Said, *Representações do intelectual*, São Paulo, Cia. Das Letras, 2005, pp. 25-26.

<sup>6</sup> Jean Paul Sartre, *Em defesa dos intelectuais*, São Paulo, Ática, 1999.

Há muitos textos que resgatam a sequência da produção historiográfica de Thompson e outros tantos que destacam sua vida pública e militância política e a eles remeto para evitar maiores repetições de argumentos, pois meus objetivos aqui são mais sintéticos.<sup>7</sup> Basta lembrar que, do ponto de vista de sua produção escrita e atividade docente, Thompson iniciou seu trabalho como professor de adultos em um departamento de extensão universitária em Leeds (onde lecionou entre 1948 e 1965) e publicou sua primeira pesquisa, um livro sobre William Morris, em 1955.<sup>8</sup> Ainda trabalhava como professor de adultos quando da redação de sua obra mais famosa *A formação da classe operária inglesa*, publicada em 1963.<sup>9</sup>

O sucesso do livro foi surpreendente. Graças à repercussão desta sua obra, nos anos 1980, Thompson era, de acordo com o *Arts and Humanities Citation Index*, o historiador do século XX mais recorrentemente citado em todo o mundo e um dos 250 autores mais frequentemente citados de todos os tempos. Um sucesso que pegou de surpresa o próprio Thompson. Segundo Dorothy Thompson: “Nós ficamos surpresos com a recepção que o livro de Edward (...) teve. Não podíamos acreditar que mais ninguém a nossa volta fosse dar a ele uma opinião favorável”<sup>10</sup>

Seguiu-se um período de docência universitária, como Diretor do Centro de Estudos de História Social da Universidade de Warwick (1965-1970), no qual iniciou os estudos sobre o século XVIII inglês, em dupla perspectiva: de um lado os trabalhadores, seus costumes, tradições e as manifestações de protesto coletivo; de outro, o peso da lei, dos tribunais e as lutas em torno desses espaços na definição dos modos de dominação na Inglaterra da época.<sup>11</sup>

Nos anos 1970 atuou como conferencista em universidades estadunidenses e, em 1978, publicou sua crítica ao pensamento de Althusser, visando os althusserianos na Grã-Bretanha, mas

---

<sup>7</sup> Ver por exemplo Brian Palmer, *Edward Palmer Thompson: objeções e oposições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. Do mesmo autor, *The making of E. P. Thompson*, Toronto, Hew Hogtown Press, 1981. McCann, Gerard, *Theory and history: the political thought of E. P. Thompson*, Andershot-EN/Brookfield-USA, Asghate, 1997. Ou ainda Alexandre Fortes, Antonio Luigi Negro e Paulo Fontes, “Peculiaridades de E. P. Thompson”, in E. P. Thompson, *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*, Campinas, EdUnicamp, 2001. A mais abrangente análise das obras e trajetória de Thompson produzida no Brasil é a tese de Ricardo Gaspar Müller, *Razão e utopia: Thompson e a História*, São Paulo, USP, 2002 (Tese de Doutorado em História Social). Do mesmo autor, com a coautoria de Sidney Munhoz, foi publicado um capítulo em obra recente com uma abrangente síntese da obra de Thompson e um comentário sobre sua circulação no Brasil: R. G. Müller & S. Munhoz, “Edward Palmer Thompson”, in Marco Antônio Lopes & S. Munhoz, *Historiadores do nosso tempo*, São Paulo, Alameda, 2010. No momento em que este livro foi concluído ainda não estava disponível o livro de Scott Hamilton (previsto para ser publicado em 2011, pela Manchester Univ. Press, com o título *E.P. Thompson, the New Left and Postwar British Politics*), **mas fez uso de alguns de seus textos publicados no sítio** <http://readingthemaps.blogspot.com>

<sup>8</sup> E. P. Thompson, *William Morris: romantic to revolutionary*, London, Lawrence & Wishart, 1955.

<sup>9</sup> E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987-1988, 3 vols. (1a. ed. inglesa, *The making of the English working class*, London, Victor Gollanez, 1963).

<sup>10</sup> Dorothy Thompson, “Interview with Dorothy Thompson, Conducted by Pamela J. Walker”, *Radical History Review*, no. 77, New York, 2000, p. 8.

<sup>11</sup> Além de muitos artigos de Thompson, posteriormente reunidos em outras obras, o trabalho coletivo do Centro aparece em Douglas Hay *et alli*, *Albion's fatal tree. Crime and society in Eighteenth-Century England*, London, Penguin, 1977. Fruto do mesmo ambiente de pesquisa é E. P. Thompson, *Senhores e caçadores. A origem da Lei Negra*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 (1a. Ed. inglesa, *Whigs and hunters: the origins of the Black Act*, London, Allen Lane, 1975).

buscando também um acerto de contas com tudo o que considerava herança do dogmatismo stalinista.<sup>12</sup> Na década de 1980, adiou a conclusão dos estudos históricos que havia iniciado nos anos anteriores, mas publicou diversas análises sobre o armamentismo nuclear e a Guerra Fria, bem como sobre os temas políticos centrais da conjuntura.<sup>13</sup>

Em 1991 retomou os estudos sobre o século XVIII inglês e publicou *Costumes em comum*. Tentando fechar o círculo dos velhos temas de pesquisa e dos projetos inacabados, Thompson publicou em 1993 uma obra sobre o romântico William Blake e postumamente foram divulgados alguns de seus últimos escritos, como a análise da relação entre seu pai e o poeta indiano Tagore. Sua morte, naquele ano de 1993, interromperia inúmeros outros projetos adiados.<sup>14</sup>

Essa exposição da sequência de trabalhos de Thompson faria, entretanto, pouquíssimo sentido se descolada de uma recuperação de sua trajetória de intervenção militante nas questões de seu tempo. Vindo de uma família de missionários/escritores, que se engajaram no apoio aos movimentos anticoloniais da Índia, Thompson ingressou na Universidade de Cambridge e no partido comunista, na onda de resistência antifascista que então se espalhava entre os jovens de sua geração.

O ingresso no partido se deu seguindo os passos do irmão mais velho, Frank, e como ele também se alistaria nas tropas que combateram na Segunda Grande Guerra. Enquanto o irmão morreu por trás das linhas inimigas, combatendo com os *partisans* na Bulgária, Edward Thompson comandava um destacamento de tanques da infantaria britânica nos combates da frente italiana. Após a guerra, foi à Iugoslávia como voluntário para a construção de uma ferrovia, época em que passou a partilhar da companhia daquela que seria sua esposa até o fim da vida, Dorothy. Voltando à Inglaterra, engajou-se não apenas na educação de adultos, mas de forma mais direta na dinâmica do Partido Comunista, no qual chegou a ocupar acento em uma direção regional. A discordância com a linha do partido se revelou em uma série de intervenções e na publicação de periódicos críticos, com parceiros como John Saville, desembocando na sua saída (como na de mais de um

---

<sup>12</sup> E. P. Thompson, *A miséria da teoria*. Cabe registrar que a edição em português apresenta apenas o ensaio principal “A miséria da teoria” estando ausentes os demais ensaios da edição original. O ensaio “As peculiaridades dos ingleses” foi traduzido no livro de mesmo nome, já citado, mas “An open letter to Leszek Kolakowski” e “Outside the wale” permanecem sem tradução para o português.

<sup>13</sup> Dessa fase, em português foram publicados apenas os ensaios “Notas sobre o exterminismo, o estágio final da civilização” e “Europa, o elo frágil da Guerra Fria”, na coletânea E. P. Thompson *et alli*, *Exterminismo e Guerra Fria*, São Paulo, Brasiliense, 1985 (edição inglesa, *Exterminism and Cold War*, London, Verso, 1982). Para uma análise das várias obras de Thompson a respeito do tema e de sua militância na causa anti-nuclear (que não serão enfocadas com maior atenção neste livro), ver o último capítulo da tese já citada de Ricardo Müller, *Razão e utopia: Thompson e a História*.

<sup>14</sup> E. P. Thompson, *Costumes em comum*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1998 (edição inglesa *Customs in common. Studies in traditional popular culture*, London, The Merlin Press, 1991). Id., *Witness against the beast, William Blake and the moral law*, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1993. Id., “*Alien Homage*”; *Edward Thompson and Rabindranath Tagore*, Oxford, Oxford University Press, 1993. Outra obra publicada postumamente foi E. P. Thompson, *Os românticos, a Inglaterra na era das revoluções*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002 (edição estadunidense, *The romantics. England in revolutionary age*, New York, New Press, 1997).

quinto dos militantes comunistas ingleses), em 1956, após a invasão da Hungria e as denúncias dos crimes de Stálin no XX Congresso do PCUS.

Engajou-se então, apaixonadamente como sempre, na tentativa de construção de uma alternativa para os socialistas britânicos, distante da ortodoxia stalinista, à qual condenara política e moralmente, bem como do comedido reformismo trabalhista, igualmente condenável. A virada dos anos 1950 para os 1960 foi a fase em que se envolveu decisivamente na criação da “Nova Esquerda”. Nos anos seguintes se distanciou (como mencionamos no início deste capítulo) dos novos intelectuais que assumiram a direção do periódico do grupo, a *New Left Review*. No fim da década de 1960, inserido na Universidade, fez a crítica da crescente subordinação daquela instituição ao controle empresarial, bem como denunciou a espionagem política dos intelectuais pelas administrações universitárias.<sup>15</sup> Reencontrou espaço para um engajamento militante mais ativo nos anos 1980, quando liderou o movimento antinuclear britânico.

### O contexto d'A formação

O elenco de obras e caminhos de militância de Thompson não é simplesmente um estabelecimento de referências bio/bibliográficas paralelas. Defendo a ideia de que as contribuições mais importantes de Thompson ao domínio especificamente histórico/historiográfico tiveram origem em suas intervenções no debate e na militância políticos.

Começo meu esforço para comprovar essa hipótese afirmando que a definição de classe apresentada em *A formação da classe operária inglesa* foi construída nas suas intervenções no debate político na virada da década de 1950 para 1960.

Para corretamente avaliar tal debate é necessário situar o contexto de seu surgimento numa época em que a diminuição das disparidades na distribuição de renda e a ampliação no poder de consumo da classe operária dos países industrializados europeus levaram alguns cientistas sociais a proclamarem o fim da classe operária e a homogeneização das sociedades de capitalismo avançado, com a afirmação de uma onipresente "classe média".

Vários questionamentos à tese do "aburguesamento" operário foram mais tarde levantados, tendo por base estudos sobre a classe operária no mundo do trabalho, na esfera da produção, e não apenas no âmbito do mercado de consumo.<sup>16</sup> Nessa mesma linha de questionamentos à tese da “afluência” operária, teve grande repercussão o estudo sociológico coletivo *Coal is our life*, em que se procurava estudar o impacto da nacionalização das minas de carvão e de outras reformas sociais

---

<sup>15</sup> E. P. Thompson (ed.), *Warwick University Ltd Industry, management and the universities*, Harmondsworth, Penguin, 1970.

<sup>16</sup> O debate sobre esta questão é resumido por John H. Goldthorpe *et alli*, *The affluent worker: industrial attitudes and behavior*, New York, Cambridge University Press, 1968, vol I.

promovidas pelos governos de maioria trabalhista do pós-guerra sobre a vida dos mineiros britânicos. As constatações do trabalho, que inspiraria toda uma série de estudos de “comunidades operárias”, enfatizavam que, apesar de todas as mudanças da “nova era”, as divisões de classe mantiveram-se e sua percepção pelos mineiros havia mudado muito pouco. A partir de uma perspectiva de classe muito nítida, construída não apenas no espaço de trabalho, mas também na vida comunitária cotidiana, os mineiros de carvão continuavam a manifestar um profundo antagonismo contra os administradores das mineradoras e contra os privilegiados da sociedade em geral. Havia, entretanto, mudanças perceptíveis nas relações dos mineiros com o Partido Trabalhista, que apesar de bem votado nas comunidades mineiras parecia ter cada vez menos presença no cotidiano das comunidades.<sup>17</sup>

Algumas das contribuições mais ricas para esta discussão viriam, porém, de uma abordagem que destacava as matrizes culturais do comportamento operário. Por esta época, Raymond Williams lançava as bases para o campo que viria a ser denominado dos “estudos culturais”. Em suas obras de fins dos anos 1950 e inícios da década seguinte, Williams propunha uma abordagem, crítica em relação tanto à concepção empobrecida do marxismo (que ele inicialmente percebia como “o” marxismo) – que remetia a cultura para o reino da “superestrutura” –, quanto à visão idealista de cultura, tomada como produto das mentes educadas dos artistas e literatos.<sup>18</sup>

Richard Hoggart, também apontado como formulador dos “estudos culturais”, reconhecia a tendência a transformações profundas na cultura da classe operária, decorrentes da força dos produtos da chamada “indústria cultural”. Porém, destacou a persistência de padrões de comportamento e valores tradicionais de classe, através da observação ativa da vida numa comunidade operária, algo que lhe era muito próximo, pois remetia a sua própria origem social.<sup>19</sup> O centro de suas preocupações no livro era a análise da circulação e repercussão de livros e periódicos ditos populares, mas a obra de Hoggart foi além desse recorte e produziu uma rica descrição etnográfica da vida familiar e comunitária do operariado britânico, em que procura mostrar a leitura de classe a que são submetidas as novas situações sociais.

---

<sup>17</sup> N. Dennis, F. Henriques, e C. Slaughter, *Coal is our life*, London, Tavistock, 1969 (1a. ed., 1956). Um bom comentário sobre o livro em seu contexto pode ser encontrado em Mike Savage, e Andrew Miles, *The remaking of the british working class. 1840-1940*, London, Routledge, 1994, pp. 4-5.

<sup>18</sup> Raymond Williams, *Cultura e sociedade*, São Paulo, CEN, 1969 (1a. ed. Inglesa, *Culture and society: 1780-1950*, London, The Hogarth Press, 1958). Para uma síntese da contribuição de Williams ver Maria Elisa Cevalco, *Para ler Raymond Williams*, São Paulo, Paz e Terra, 2001. A trajetória dos estudos culturais é estudada pela mesma autora em *Dez lições sobre Estudos Culturais*, São Paulo, Boitempo, 2003. No terceiro capítulo deste livro procuro aprofundar esses comentários.

<sup>19</sup> Richard Hoggart, *As utilidades da cultura*, Lisboa, Presença, s.d. (1a. ed. inglesa, *The uses of literacy*, Chatto and Windus, 1957).



Nos anos anteriores, o Grupo de Historiadores do Partido Comunista Britânico – do qual participavam Maurice Dobb, Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Dona Torr e Victor Kiernan entre outros –, produzia uma série de contribuições que avançava em sentido análogo. Aqueles historiadores propunham, no interior dos marcos conceituais do marxismo, uma História não apenas econômica do capitalismo inglês, embora valorizassem a História Econômica. Forçando os limites da interpretação marxista dominante na época, ressaltavam a importância e a autonomia relativa de outros níveis de análise (político, social, cultural), destacando a relevância de estudos historicamente localizados em que tais níveis pudessem ser observados na sua dinâmica inter-relação.<sup>20</sup>

A partir de debates como os deste grupo e de sua experiência na militância política e na educação de jovens e adultos de origem operária, E. P. Thompson compôs, com seu *A formação da classe operária*, um estudo que, pela ênfase na dimensão cultural da classe e pela riqueza de uma análise que reconstituía importantes aspectos da vida comunitária dos trabalhadores "pré-industriais", pode ser lido a partir de vários paralelos com outros trabalhos, como o estudo de Hoggart, a produção de Raymond Williams, ou as análises de *Coal is our life*, apesar das diferenças significativas quanto aos marcos conceituais.<sup>21</sup>

A produção de *A formação da classe operária* respondia a um duplo comprometimento do autor com a polêmica, como ele próprio admite ao afirmar que a obra “ataca duas ortodoxias ao mesmo tempo, a história econômica quantitativa e o marxismo dogmático”.<sup>22</sup>

Tratava-se, de um lado, da rejeição às teses da história econômica de matriz liberal, pautada pelo quantitativismo a-histórico, pela definição da capacidade de consumo como o centro da dimensão econômica da classe, pela ênfase nas escolhas individuais e pela recusa a admitir a exploração de classes. Um debate que naquele momento ganhava dimensões políticas evidentes, visto que o “grupo de Mont Pélèrin”, origem do chamado pensamento neoliberal, liderado por Friedrich Hayek, havia tomado alguns anos antes a historiografia crítica sobre a revolução industrial e a situação da classe trabalhadora como alvo de seu ataque. Um seminário do grupo foi

---

<sup>20</sup> Sobre esse grupo, B. Schwartz, "The People in history: the Comunist Party Historians Group 1946-1956", In R. Johnson *et alli*, *Making histories: studies in history, writing and politics*, London, Hutchinsons, 1982. Ver também, Eric Hobsbawm, *Interesting times. A twentieth-century life*, London, Penguin, 2002, p. 191 e ss. (edição brasileira, *Tempos Interessantes: uma vida no século XX*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007). E Harvey Kaye, *The British Marxists historians*, New York, Polity Press, 1984.

<sup>21</sup> Thompson, *A formação da classe*. A comparação com o trabalho de Hoggart foi sugerida por vários autores, como por exemplo, Jean Leve *et alli*, "Coming of Age in Birmingham: cultural studies and conceptions of subjectivity", *Annual Reviews of Anthropology*, 1992. A análise da tríade Williams, Hoggart e Thompson como próxima por afinidade com uma abordagem “culturalista” já havia sido proposta pela crítica ao livro *Miséria da Teoria*, conforme análise com mais detalhes no 3º. capítulo.

<sup>22</sup> “O espírito *whig* sem o elitismo: entrevista com E. P. Thompson”, in Pierre Bourdieu (e outros), *Liber 1*, São Paulo, Edusp, 1997, p. 172.

transformado em livro, em que se destacam artigos de T. S. Ashton, agregando uma introdução de Hayek. Na Introdução ele sustenta existir uma convergência entre a oposição dos *Tories* (conservadores) do século XIX ao industrialismo e a crítica dos socialistas dos séculos XIX e XX (que denunciavam a pauperização e as condições de vida deterioradas dos primeiros trabalhadores industriais). Hayek, com isso, contestava a “cientificidade” da análise dos socialistas, pois que para ele científica, é claro, era a avaliação positiva dos progressos trazidos pela indústria.<sup>23</sup>

De outro lado, apresentava-se a recusa ao marxismo vulgar, que derivava diretamente a consciência e a ação coletiva da classe de seu lugar nas relações de produção, sem qualquer mediação, algo que Thompson procurará superar pela ênfase no conceito de experiência.

Demonstrando a exploração de classes e sua apreensão pela consciência da classe trabalhadora em formação nas primeiras décadas do século XIX, Thompson estava insistindo em contestar as teses liberais, explicando como as posições de classe se estabelecem a partir da produção (não do consumo) e como a classe trabalhadora se conscientiza da sua exploração pelos capitalistas tendo em conta seus próprios valores (e não os cálculos matemáticos de padrão de vida dos economistas liberais). Mas, a análise dos valores e tradições culturais que, confrontados com uma experiência singular, geraram uma dada conformação da consciência de classe, distanciava-o também do marxismo vulgar. Lições sobre o passado fundamentais para a crítica à noção de “afluência” operária no momento em que a obra foi escrita.

No entanto, ele já havia explicitado essas propostas teóricas alguns poucos anos antes. Em 1960, no primeiro ano de existência da *New Left Review*, Thompson organizou uma coletânea de ensaios sobre o tema da “apatia” da classe trabalhadora inglesa, explicada quase sempre como resultante da “afluência”. O último capítulo do livro, de autoria do historiador, foi publicado previamente no terceiro número da revista, com o título de “Revolution!”. Uma série de comentários foi publicada no número seguinte e, no número 6, Thompson publicaria sua tréplica, com o título de “Revolution again! Or shut your ears and run”. Nesse último artigo, encontramos praticamente toda a discussão sobre classe – como processo e relação, não como uma categoria estática, que se define a si mesma tanto quanto é definida, cuja consciência se constrói na identificação de interesses comuns e opostos aos de outra classe – que será resumida no prefácio de *A formação*.

---

<sup>23</sup> F. A. Hayek, “History and politics”, in Hayek (ed.), *Capitalism and historians*, Chicago, The University of Chicago Press, 1954. Thompson menciona o livro em seu capítulo sobre “Exploração”, deplorando a “mistura de teoria econômica e defesa especial” da “sociedade livre” ali apresentada e dirige o raciocínio central dos capítulos seguintes a uma refutação daqueles argumentos. *A formação*, vol. 2., pp. 35 e ss. Esse debate é destacado por Fortes, Alexandre, “Miríades por toda a eternidade: a atualidade de E. P. Thompson”, *Tempo Social*, vol. 18, no. 1, 20, jun 2006, p. 209-210. Agradeço a Demian Melo por ter me chamado a atenção para essas referências e questões.

Rebatendo as críticas ao seu primeiro artigo, tanto do que denominava como “marxistas sectários”, quanto dos antimarxistas, e especificamente nominando seus críticos do periódico trotskista *International Socialist* e o sociólogo estadunidense C. Wright Mills, Thompson explicava que:

“Nós deveríamos notar o caminho através do qual um tipo de reducionismo econômico desabilita a discussão de classe, tanto entre antimarxistas quanto entre marxistas sectários. Na verdade, as ideologias prevalecentes tanto no Leste quanto no Oeste são dominadas por uma caricatura aviltante do marxismo; muito embora, no primeiro caso, nós temos um retrato dos meios de produção espontaneamente gerando consciência e atividade revolucionária, com a classe trabalhadora aparecendo não como o agente, mas como intermediária de leis objetivas; ao passo que no segundo espaço a imagem é em muito similar, mas o motor da mudança foi retirado, e nós vemos todos os homens (exceto os 'intelectuais') como prisioneiros dos seus interesses econômicos, de sua 'estrutura' social, e do seu *status*. (...) Ambos argumentam a partir de uma noção estática de classe trabalhadora e de sua consciência característica (...) Ambos argumentam que o capitalismo 'afluente' está enxugando algumas das demandas da classe e erodindo a consciência de classe tradicional.”<sup>24</sup>

Na sequência do artigo, Thompson recupera justamente o momento de formação da classe que ele estava abordando na redação do que viria a ser *A formação*,<sup>25</sup> ou seja, o período dos anos 1780 a 1830, para chamar atenção para o fato de que a consciência de classe se formava num momento em que a maior parte da classe trabalhadora militante não era majoritariamente composta por operários fabris típicos. Afirmava então, como reiteraria três anos depois no livro, que “para um historiador, uma classe é aquela *que se define como tal* por sua agência histórica”<sup>26</sup> E recorreu à discussão de Marx no *18 Brumário* sobre os camponeses detentores de parcela na França para afirmar que:

---

<sup>24</sup> E. P. Thompson, “Revolution again! Or shut your ears and run”, *New Left Review*, no. 6, London, nov-dec 1960, pp. 23-24.

<sup>25</sup> A encomenda para redigir um livro de leitura acessível sobre a classe trabalhadora inglesa, centrado no século XIX, foi-lhe dirigida pelo editor em 1959, a partir de uma indicação de John Saville, previamente consultado para escrever o livro (este por sua vez indicado por Asa Briggs). J. Saville, *Memoires from the left*, London, Merlin Press, 2003, p. 119.

<sup>26</sup> Thompson, “Revolution again”, p. 24

“Para Marx, uma classe define a si mesma em termos históricos, não porque foi feita por pessoas com relações comuns com os meios de produção e uma experiência de vida comum, mas porque essas pessoas *tornam-se conscientes* dos seus interesses comuns e desenvolvem formas apropriadas de organização e ação comuns.”<sup>27</sup>

Ainda no mesmo artigo, Thompson também apresentava sua argumentação sobre o caráter relacional através do qual a consciência de classe se definia, no terreno da luta de classes:

“o conceito histórico de classe ou classes implica a noção de *relação* com outra classe ou classes; o que se evidencia não são apenas os interesses comuns *no interior* de uma classe, mas interesses comuns *contra* outra classe. E esse processo de definição não é apenas uma série de explosões espontâneas em um ponto da produção (considerando que isso é uma parte importante); trata-se de um processo complexo, contraditório, sempre mutável e nunca estático em nossa vida política e cultural, no qual a agência humana está implicada em cada nível.”<sup>28</sup>

“Agência”, tradução comumente adotada no Brasil para o termo *agency*, associado à noção de que os homens são sujeitos de sua própria história, embora em condições que não escolhem, seria uma das mais fortes influências historiográficas que a obra de Thompson legou. Conforme percebe-se por essa citação, esta era outra ideia que já estava muito bem delimitada nas formulações políticas de Thompson, nos anos precedentes à redação de *A formação*. Aliás, nesse caso, tratamos de uma ideia já desenvolvida quatro anos antes do debate sobre a “Revolução!” nas páginas da *New Left Review*.

Em 1956, no primeiro número de *The New Reasoner*, Thompson apresentou a proposta do “humanismo socialista”, base política em torno da qual se agregaria a primeira geração da Nova Esquerda inglesa. No artigo, Thompson definia o humanismo socialista como a possível afirmação positiva de todo o movimento que, no Oeste ou no Leste, configurava-se em oposição à ideologia estalinista que havia dominado o movimento comunista internacional.

“Ele é *humanista* porque coloca uma vez mais homens e mulheres reais no centro da teoria e da aspiração socialista, ao invés de retumbantes abstrações – o Partido,

---

<sup>27</sup> Ibid., p.24. A não ser quando se fizer menção explícita em contrário ou, evidentemente, nos casos de palavras em língua estrangeira ou títulos de publicações, os grifos em itálico são sempre do autor citado.

<sup>28</sup> Ibid., p. 24.

Marxismo-Leninismo-Stalinismo, os Dois Campos, a Vanguarda da classe trabalhadora – tão caras ao Stalinismo. Ele é socialista porque reafirma a perspectiva revolucionária do comunismo, a confiança nas potencialidades revolucionárias não apenas da Raça Humana ou da Ditadura do Proletariado, mas dos homens e mulheres reais.”<sup>29</sup>

Desenvolvendo o argumento, Thompson se opõe ao stalinismo defendendo a agência humana negada pelo que já ali ele definia como o “irracionalismo” daquela ortodoxia (algo que retomaria com maior ênfase em seu *Miséria da Teoria*). Segundo seu argumento, “A primeira característica do stalinismo, então, é o anti-intelectualismo, o desprezo pela agência humana consciente no fazer histórico; e a revolta contra isso não é a revolta de uma nova ideologia mas a revolta da razão contra o irracionalismo”.<sup>30</sup>

O artigo gerou polêmicas, que Thompson responderia alguns números depois na revista, num artigo sintomaticamente intitulado “Agency and choice – 1”. Neste, reafirmava a crítica ao stalinismo e a importância da “agência”. Definindo o filistinismo como a aceitação da inevitabilidade do mundo tal qual ele se apresenta, como uma capitulação ao senso comum, afirmava:

“Hoje, esse filistinismo infectou os núcleos tanto da ideologia social-democrata quanto da comunista. Apesar das formas da infecção serem muito diferentes, ela produz em ambos um sintoma comum: a negação da agência criativa dos homens, quando considerados não como unidades políticas ou econômicas numa cadeia de circunstâncias determinadas, mas como seres morais e intelectuais, no fazer-se de suas próprias histórias; em outras palavras, a negação de que os homens podem, por um ato voluntário de vontade social, superar em alguma medida significativa as limitações impostas pelas 'circunstâncias' ou pela 'necessidade histórica.’”<sup>31</sup>

Tendo conhecimento dessas intervenções políticas de Thompson no contexto dos anos 1950/60, entendemos melhor a origem das questões postas em *A formação*. Por isso, seu estudo

---

<sup>29</sup> E. P. Thompson, “Socialist Humanism. An Epistle to the Philistines”, *The New reasoner, A quarterly journal of socialist humanism*, Edited by John Saville and E. P. Thompson, Vol. 1, num 1, Summer, 1957, p. 109.

<sup>30</sup> Ibid., p. 115.

<sup>31</sup> E. P. Thompson, Agency and choice – 1” *The new Reasoner*, no.5, summer of 1958, p. 89.

histórico tratava de explicar como a consciência de classe constrói-se historicamente através de formas específicas, conforme as peculiaridades que definem a experiência de classe em cada situação localizada. E o fazia para contrapor-se ao economicismo dos que creditavam à “afluência”, vista em termos de acesso a mais bens de consumo, um limite à consciência operária, assim como à ortodoxia da II Internacional e da III Internacional sob Stálin, que afirmavam a derivação direta entre as contradições econômicas e a consciência de classe, transferindo a tarefa da revolução socialista para algum mecanismo “natural”, independente da agência humana.

Experiência era uma chave nova apresentada por Thompson em *A formação* para apresentar a sua discussão sobre a classe. Mas também nesse caso é importante perceber que tal noção não se formou fora da intervenção militante do historiador, como se brotasse da reflexão solitária do intelectual na elaboração de seu livro mais conhecido, em algum tipo de iluminação “acadêmica”. Aqui, porém, o espaço de desenvolvimento do conceito não foi propriamente a polêmica política direta, mas o engajamento no movimento de educação de adultos. Dorothy Thompson chama a atenção não apenas para a relação entre a redação do livro e a prática educativa de Thompson, mas também para a dimensão política que tal relação conferia ao livro. Segundo ela, o livro:

“era baseado no tipo de docência que Edward esteve exercitando por dez anos. E o tipo de docência que fizemos o tempo todo. O que eu acho que produziu um tal avanço, e fez as pessoas verem o livro como tão revelador, foi que ele partia da perspectiva de que o que as pessoas comuns fazem é digno de interesse e atenção. Hoje isso é tão amplamente aceito que não é visto como revolucionário. Isso é basicamente uma questão fortemente política de fato.”<sup>32</sup>

Peter Searby recuperou relatórios de Thompson como “tutor” de cursos do Departamento de Educação Extra Muros da Universidade de Leeds, muitos deles em convênio com a Associação Educacional de Trabalhadores (WEA), além de ter recolhido depoimentos de alguns dos seus estudantes entre 1948 e 1965.<sup>33</sup> Em documento de discussão interna no Departamento, em 1950, Thompson expressava seu acordo com os objetivos político-educacionais da WEA, em termos que demonstram como a ligação entre a experiência de vida dos trabalhadores e as manifestações de sua consciência de classe era um elemento presente na forma como Thompson entendia seu trabalho docente:

---

<sup>32</sup> Dorothy Thompson, “Interview”, p. 8.

<sup>33</sup> Peter Searby & John Rule and Robert Malcolmson, “Edward Thompson as a teacher: Yorkshire and Warwick”, in J. Rule & R. Malcolmson (eds.), *Protest and survival. Essays for E. P. Thompson*, London, The Merlin Press, 1993.

“Em primeiro lugar, eles [a WEA] estão limitados por sua definição e estatutos políticos a uma ênfase nas necessidades educacionais de uma classe na sociedade à qual, por circunstâncias econômicas ou ambientais, é negado o acesso integral ao uso de outras instituições de ensino superior. Em segundo lugar, eles são dirigidos por uma ênfase específica – 'educação para propósitos sociais' – em fazer essa parcela da classe mais efetiva em atividades sociais. Em terceiro lugar, através do movimento de educação tutorial, eles estão especificamente preocupados em superar o divórcio entre as instituições de ensino superior e os centros de experiência social – entre 'os trabalhadores manuais e intelectuais' – existente em nossa sociedade. (...) Eles demandaram conhecimento com o objetivo de agir com maior eficiência em relação àquelas questões que sua experiência de vida solicita como mais urgentes. Sua atitude foi uma atitude de classe consciente, o que significa que foram conscientes o tempo todo, na busca da verdade e da ação social a favor dos interesses de sua própria classe em sua luta pela emancipação social.”<sup>34</sup>

O respeito à experiência dos trabalhadores, aliás, é uma chave fundamental para entendermos de que forma a atividade de Thompson como professor de Literatura Inglesa e História foi um elemento fundamental de seu aprendizado prévio à redação de *A formação*. Assim, em um relatório sobre uma de suas turmas, de 1948-1949, quando Thompson tinha 24-25 anos, ele esclarece de que forma a experiência “tutorial” era importante para sua formação:

“De modo geral, o tutor acredita ter aprendido mais o que ele transmitiu ... e apesar de alguns erros iniciais, a classe aprendeu a trabalhar no espírito desejado na WEA – não como o tutor e a audiência passiva, mas como um grupo combinando diversos talentos e fundindo diferentes conhecimentos e experiências para um fim comum.”<sup>35</sup>

Os depoimentos de seus ex-alunos são ricos em elogios à forma como Thompson os cativava em seus cursos, estimulando-os à leitura e à participação em classe, através de uma ênfase em apresentá-los ao conteúdo histórico e literário como algo que lhes pertencia e fazê-los

---

<sup>34</sup> Ibid., pp. 5-6

<sup>35</sup> Ibid., p.14.

perceberem-se como parte ativa da história que aprendiam, tanto quanto faziam. Segundo o depoimento de Peter Thorton, um dos que com ele estudaram no início dos anos 1950:

“As aulas de Edward Thompson ... tinham esse efeito de fazer com que você percebesse que a história não era algo separado e a parte; ela era uma progressão da qual você era parte. Eu sempre sentia isso. E quando ele tratava de coisas como os tecelões manuais de Yorkshire, os ludistas, o desenvolvimento social da revolução industrial nesta parte do mundo, você muito rapidamente percebia o quanto você e a sua gente eram parte daquilo.”<sup>36</sup>

A militância educacional na WEA era um dos elementos comuns às trajetórias de Thompson, Raymond Williams e Richard Hoggart. Além disso, a confluência, não isenta de tensão, entre os trabalhos daqueles intelectuais, na época, se dava também pelo caminho da militância comum no mesmo campo político da Nova Esquerda, constituído em aliança com movimentos sociais (como setores do movimento sindical, a esquerda do Partido Trabalhista e o movimento anti-nuclear, por exemplo). Os principais polos de aglutinação dessa militância eram periódicos, caracterizados não apenas pelos escritos de intervenção como também por algumas das mais lúcidas e instigantes análises das sociedades contemporâneas e pretéritas.<sup>37</sup>

Após a recepção surpreendentemente consagradora de *A formação*, Thompson ainda se envolveria em inúmeras polêmicas no campo do marxismo, viveria uma fase de intenso ativismo antinuclear e voltaria a escrever importantes obras no campo da história. Uma produção cujas marcas principais foram a recusa às explicações simplistas e dogmáticas, às quais opunha a complexidade e conflitividade do processo histórico; o ardor do polemista em face das opções políticas e teóricas que considerava atravancarem as lutas da classe trabalhadora e a indissociável relação entre produção do conhecimento sobre a história e intervenção política militante. Obra polêmica, mas sobretudo instigante, capaz de expressar várias das mais ricas contribuições – assim como alguns dos impasses mais significativos – do marxismo no século XX.

---

<sup>36</sup> Ibid., p. 17.

<sup>37</sup> Sobre o movimento da nova esquerda e seus periódicos – a fusão do *New reasoner* com a *The university and left review*, gerando a *New left review* – ver a entrevista do fundador e editor da revista nos primeiros anos Stuart Hall, in Stuart Hall, *Da diáspora*, Belo Horizonte, Edufmg, 2003. Hall e uma série de outros protagonistas daqueles primeiros anos da Nova Esquerda registraram seus depoimentos in Robin Archer *et alli*, *Out of apathy: voices of the new left thirty years on*, London, Versus, 1989. Hobsbawm também descreve o momento de fundação do movimento em *Interesting times*, p. 210 e ss.